



ST: TRADIÇÕES ORAIS (POPULARES) E MEMÓRIA COMO EXPRESSÕES DO SERTÃO NORDESTINO

Coordenadores:

Lucrécio Araújo de Sá Júnior (UFCEG)
Maria de Lourdes Dionizio Santos (UFCEG)

A tradição é o universo que tem a memória como o suporte para a transmissão de seus repertórios, mantém a necessária ativação da memória implicando um funcionamento partilhado pelo conjunto de indivíduos de uma sociedade. A sociedade, como enfatiza Zumthor (1997; 2000), precisa da voz de seus contadores, independente das situações concretas em que vive. Mais ainda: no incessante discurso que faz de si mesma, a sociedade precisa de todas as vozes portadoras de mensagens: do canto, tanto quanto da narrativa (ZUMTHOR, 2000, p. 56). O Nordeste brasileiro, em particular o sertão, tem se configurado como um espaço profícuo de criação e produção artística genuína, quer no âmbito da arte popular, quer em outras formas de expressão artística que juntas consolidam a cultura brasileira. Respaldados nesse reconhecimento, buscamos, a partir de uma perspectiva interdisciplinar entre Filosofia e Literatura Oral e outras áreas, promover um espaço que estabeleça o diálogo entre o conhecimento acadêmico e os saberes que fundam a memória e a cultura de nossa sociedade, instrumentalizados com a leitura e discussão de obras da Literatura Popular, no sentido de aprofundar a compreensão dos docentes e discentes em formação acerca dessa Literatura, revitalizando-a, potencializando sua força de resistência e propiciando o conhecimento das tradições orais (populares), bem como a memória, como expressões do sertão nordestino.

LITERATURA POPULAR: TRADIÇÃO E MEMÓRIA COLETIVA NO SERTÃO NORDESTINO

Maria de Lourdes Dionizio Santos
Universidade Federal de Campina Grande - UFCEG
maria.dionizio@professor.ufcg.edu.br

Resumo: Trata-se de um Projeto de Extensão de Fluxo Contínuo, vigência 2023, em andamento, cuja proposta parte de uma perspectiva interdisciplinar entre Literatura e Filosofia, voltada para a formação inicial e continuada de discentes da Unidade Acadêmica de Letras do Centro de Formação de Professores da Universidade Federal de Campina Grande (UAL/CFP/UFCEG), bem como de docentes de escolas da rede pública do sertão nordestino que atuam nas áreas supramencionadas e afins. Essa ação extensionista tem por objetivo aprimorar



o conhecimento sobre a Literatura Popular, a partir da abordagem dialógica, instrumentalizada em leitura e discussão de obras poéticas que suscitam inferências e debates sobre questões e temáticas da realidade social.

Palavras-chave: Literatura Popular; Filosofia; Tradição e Memória; Sertão Nordestino.

Introdução

A Literatura Popular, em suas diversas formas de expressão, é de relevante importância a ser estudada e trabalhada nas atividades das escolas. Para isso, torna-se imprescindível que professores que atuam em escolas da Educação Básica e discentes do Curso de Letras façam uso do potencial educativo dessa literatura, cujos conteúdos perpassam diferentes problemáticas que instigam o debate em sala de aula. A propósito disso, pretendemos ampliar o conhecimento do público-alvo deste Projeto, propiciando-lhe uma experiência de leitura, reflexão e discussão, numa perspectiva dialógico-interdisciplinar entre Filosofia e Literatura, com base nas temáticas suscitadas nas obras da Literatura Popular.

O Nordeste brasileiro tem se configurado como um campo profícuo de criação e produção literária genuínas, quer no âmbito da arte popular, quer em outras formas de expressão artística que juntas consolidam a cultura brasileira. Respaldados nesse reconhecimento, buscamos, a partir de uma perspectiva interdisciplinar entre Filosofia e Literatura, promover um espaço que estabeleça o diálogo entre o conhecimento acadêmico e os saberes que fundam a cultura de nossa sociedade, instrumentalizados com a leitura e discussão de obras da Literatura Popular, no sentido de aprofundar a compreensão dos docentes e discentes em formação acerca dessa Literatura, revitalizando-a, potencializando sua força de resistência e propiciando sua permanência.

Tomar a Literatura Popular como proposta de cunho interdisciplinar para a formação continuada de docentes que atuam nessas áreas e afins, bem como de discentes do Curso de licenciatura em Letras, requer um mergulho intenso no âmbito desse conhecimento, de modo a viabilizar sua realização. Isto atesta a importância dessa literatura, assim como de sua repercussão no imaginário coletivo presente em discentes do Curso de licenciatura em Letras, requer um mergulho intenso no âmbito desse conhecimento, de modo a viabilizar sua realização. Isto atesta a importância dessa literatura, assim como de sua repercussão no



imaginário coletivo presente em obras desse gênero. Isto propiciará uma demonstração das reverberações das narrativas ibéricas transmitidas a sucessivas gerações.

Assim, deparamo-nos com as transformações pelas quais passam essas narrativas, quando as histórias podem ser difundidas sob forma e gênero literários diferentes. Tudo isso, graças ao talento e à persistência de artistas, poetas, cantadores, repentistas, contadores de história e escritores, essa herança poética e cultural tem resistido à profusão de informações que são transmitidas diuturnamente em época de avançados meios tecnológicos, permanecendo, de alguma forma, na memória, no meio oral e na escrita, de modo relativamente amplo, em acervos literários e arquivos de pesquisas e documentos escritos ou gravados, registrados em Instituições Oficiais de diversos países, cujo acesso tem sido compartilhado.

Aqui, vale ressaltar o empenho de muitos pesquisadores que não medem esforços para escavar, investigar, analisar, assegurar a permanência da identidade e da memória do povo, contribuindo para a revitalização e disseminação da cultura através do levantamento e compilação dessa produção imaterial.

A propósito disso, torna-se imperativo remeter à iniciativa do maranhense Celso de Magalhães, fazendo jus ao seu pioneirismo no resgate e no registro dessas histórias, no Brasil, em sua breve existência. Sua pesquisa e estudos sobre a poesia tradicional no Brasil encontra-se em *A poesia popular brasileira*, publicada em homenagem ao centenário – 1873/1973 – do trabalho desse autor sobre o romanceiro tradicional. No início dessa obra fica assim explicitado o intuito do autor:

Escrever um livro que historiasse todas as fases por que tem passado a poesia popular brasileira, que lhe notasse a acentuação verdadeira, a sua originalidade, fazendo, ao mesmo tempo, ressaltar as partes em que ela foi beber nas tradições estranhas, a *assimilação* empregada em sua elaboração, os *romances* herdados da metrópole, um livro finalmente do qual se concluísse quais os elementos que produziram e presidiram à formação dessa poesia popular, [...] seria uma tarefa por demais pesada, senão uma impossibilidade. Um trabalho inglório é o que havia de ser com certeza (MAGALHÃES, 1973, p. 31 – grifos do autor).



Desse modo, as histórias que antes ouvíamos, através de pessoas de memória excepcional, cujos ritmos, gestos e vozes entoadas e moduladas davam ênfase à ação de figuras imaginárias pertencentes a terras longínquas e desconhecidas, perenizaram, em nossa memória, instantes privilegiados de nossa existência.

Partindo desses pressupostos, instrumentalizados com leituras que realizamos sobre o Romancero ibero-brasileiro, encontramos, em sua fortuna crítica, valiosos estudos realizados a respeito desse assunto, tanto em países ibéricos como no Brasil. Entretanto, em que pese a amplitude do que já foi encontrado, a poesia tradicional tem muito a contribuir com a cultura mundial, quando se trata de discursos que chegaram até nós, nos dias atuais, trazendo em seu bojo os ensinamentos de diversas culturas, constituindo-se, desse modo, um modelo que temos seguido, ou dos quais estamos imbuídos.

Desse modo, herdeiros que somos da cultura do outro, a exemplo da língua que falamos, legado imposto pelos colonizadores, embora a concebamos materna, ocorre, vez por outra, sentirmo-nos inseguros em expressá-la. Que dizer, então, de outras formas de manifestação de nossa identidade, quando nos referimos à linguagem poética ou literária, ou de manifestações artísticas e culturais que, ao nascermos, nos encontramos imersos nesse berço que abriga a criação da gente humilde, que, em sua simplicidade, nos propicia prazer com sua poesia? Por que a arte popular não tem recebido o devido respaldo em lugares que julgamos conhecê-la vastamente, embora não a valorize numa proporção que corresponda à sua contribuição para a formação e o desenvolvimento da sociedade? Por que motivo as pessoas não apreciam os bens e valores simbólicos de sua região?

Partindo desses pressupostos, apresentamos, aqui, o resultado do Projeto de Extensão Flux: “Literatura Popular: leituras e inferências sobre saberes, vivências e memória coletiva no sertão nordestino”, cujo propósito primordial foi promover o estudo da literatura Popular do Nordeste Brasileiro, a partir da leitura de obras dessa estética, com vistas a ampliar, aprofundar e difundir o conhecimento sobre os saberes, as vivências e a memória coletiva dessa região, compartilhando experiências e corroborando com a identidade cultural e a formação do público.

Neste sentido, a proposta deste Projeto partiu da necessidade de promover, o conhecimento simbólico coletivo, a partir da leitura de textos do Cancioneiro Popular, no sentido de ampliar o conhecimento sobre bens imateriais, bem como instigar o gosto do público-



alvo pelo estudo dessa literatura, tendo em vista a importância de um olhar mais atento, com foco na apreciação sobre os valores simbólicos que constituem esse conhecimento.

Ao refletirmos sobre a razão que instiga artistas e poetas à produção de suas obras, constatamos que vários fatores concorrem para a efetividade dessa produção. Dentre tais fatores, sobressaem a arte e a poesia de caráter popular, a semiaridez do solo, o subjugo político, além de conflitos decorrentes das antinomias enfrentadas pelo povo dessa região.

Trata-se de condições sociais, políticas, econômicas, históricas e geográficas da região, que, apesar de adversas, em que pese o paradoxo, instigam o artista a registrar, em sua obra, os acontecimentos da vida e os costumes desse povo, gerando uma riqueza artístico-cultural que se propaga, partindo do âmbito particular/regional, e expandindo-se para o nacional e o universal.

Não obstante as adversidades enfrentadas pelo povo nordestino, encontramos poetas cordelistas empenhados de forma resistente em seu ofício criador, contribuindo com vasta produção, conseqüente de seu intuito, capacidade criadora, seu poder de observação e vivência com o conhecimento sobre o imaginário coletivo e a cultura popular, numa expressão da experiência e da prática dos costumes de seu lugar e de sua gente.

Tivemos, assim, o intento de propiciar ao público-alvo deste Projeto uma experiência de leitura, reflexão e discussão, numa perspectiva dialógica entre Filosofia e Literatura, com base nas temáticas suscitadas em textos dessa poética. Dessa maneira, compreendemos que, por meio de um olhar cujo foco esteja voltado para a Literatura Popular, estabelecendo diálogo com a Filosofia, o estudo dessa Literatura faz jus ao reconhecimento de sua relevante contribuição para o desenvolvimento da sociedade brasileira.

Entendemos, assim, que a disseminação dos saberes e vivências, bem como da memória coletiva, além de potencializar a recepção da arte e da cultura popular, propicia o seu reconhecimento e proporciona maior visibilidade às diversas expressões artísticas, aperfeiçoando o conhecimento dos professores da rede pública de ensino de Cajazeiras e cidades adjacentes.

O nosso objetivo teve como propósito primordial promover o estudo da literatura Popular do Nordeste Brasileiro, a partir da leitura de obras dessa estética, com vistas a ampliar,



aprofundar e difundir o conhecimento sobre os saberes, as vivências e a memória coletiva dessa região.

Dessa forma, buscamos estudar a Literatura Popular para aprimorar o conhecimento do público-alvo sobre o Cancioneiro Popular em prosa e verso, numa perspectiva interdisciplinar, envolvendo fatores socioculturais, econômico e histórico brasileiros que permeiam a poética popular entre Discentes em formação do Curso de Letras do Centro de Formação de Professores (CFP/UFCG) e Docentes que atuam em Literatura e Filosofia e/ou em áreas afins, em escolas públicas de Cajazeiras-PB, bem como de cidades e Estados circunvizinhos que compuseram o público-alvo do Projeto de Extensão em tela.

Discussão

Tomamos como aporte teórico para fundamentar este Projeto o pensamento de autores de obras da Literatura Popular, bem como de críticos versados nessa literatura, cujas obras suscitam debates e discutem questões que perpassam a realidade representada nas obras literárias.

Com base nesses pressupostos, fazemos recurso a Luís da Câmara Cascudo (2006, p. 22), em sua obra *Literatura oral no Brasil*, que afirma, a respeito dos folhetos, que, “Embora assinados, esses folhetos revelam apenas a utilização de temas remotos, correntes no Folclore ou na literatura apologética de outrora, trazidos nos contos morais, filhos dos ‘exemplos’”. O referido pesquisador acrescenta que: “essa matéria pertence à Literatura Oral. Foi feita para o canto, para a declamação, para a leitura em voz alta. Serão depressa absorvidos nas águas da improvisação popular, assimilados na poética dos desafios, dos versos [...] nos sertões do Brasil”.

Ainda de acordo com Cascudo (*Id.*, *Ibidem*, p. 22), também são atribuídos à Literatura Oral “Todos os autos populares, danças dramáticas, as jornadas dos pastoris, as louvações das lapinhas, Cheganças, Bumba-meu-boi, Fandango, Congos, o mundo sonoro e policolor dos reisados, aglutinando saldos de outras representações apagadas na memória coletiva”.

À maneira desses “elementos vivos da Literatura Oral” (*Id.*, *Ibidem*, p. 22), embora a literatura de cordel tenha perdido força em determinados períodos de sua existência, de forma



persistente, ela vem resistindo contra a avalanche de informações e produtos lançados pela indústria da cultura, no mercado.

Nesse sentido, ao fazermos uma breve retrospectiva acerca da poesia popular no Nordeste, encontramos, no Estado da Paraíba, uma expressiva representação de poetas desse gênero, cujo marco histórico do início da “poesia popular nordestina data de 1830”, portanto, anterior ao surgimento do Romantismo Brasileiro, conforme atestam os estudos que versam sobre a literatura de cordel, apresentados na pesquisa de José Ribamar Lopes (1994, p. 18).

De acordo com Lopes (*Id., Ibidem*, p. 19), por volta de 1945 ocorreu um fenômeno desencadeado pelos fatores social, econômico e cultural, que ficou conhecido por “germe destruidor no comércio de folhetos”, que resultou em

Uma fase de decadência em consequência de novos fatores determinantes das transformações sociais, como o rádio, o cinema, a aceleração do processo de industrialização do País, a construção de Brasília, a facilidade de novos meios de transporte, estimulando as migrações internas no Brasil. Esses fatores alteram a mentalidade do homem rural nordestino, o grande consumidor da poesia popular escrita e oral (*Id., Ibidem*, p. 19).

Essas considerações feitas por Lopes conferem à literatura de cordel um lugar de destaque, pela relevância de seu papel na disseminação da cultura nordestina.

Nessa linha de raciocínio, Maria de Oliveira Galvão comenta (2001, p. 81), em sua pesquisa intitulada “Processos de inserção de analfabetos e semi-analfabetizados no mundo da cultura escrita (1930-1950)”, que a escola não é “a única via de mediação entre a leitura e a escrita”, uma vez que outras “práticas educativas têm ocorrido [...] fora da escola e, às vezes, com maior força do que se considera, principalmente para determinados grupos sociais, em determinada época”.

A referida autora afirma que “ao estudar a literatura de cordel”, desenvolvendo sua pesquisa, verificou “que, para alguns segmentos sociais, esse tipo de literatura, tradicionalmente classificada como popular, representava um dos únicos contatos que tinham com a escrita, a leitura e o impresso” (GALVÃO, 2001, p. 81).



A partir dessa constatação, a pesquisadora buscou “(re)construir no público leitor, as maneiras de ler, os papéis atribuídos à leitura e as formas de apropriação da leitura de folhetos de cordel, no período de 1930 a 1950, em Pernambuco” (*Id., Ibidem*, p. 81-82). Galvão (2001, p. 82) reitera que os leitores/ouvintes entrevistados declararam que “[...] os folhetos constituíram o objeto de leitura e/ou audição mais presente”, quando pessoas que tinham instrução “[...] liam os cordéis em voz alta para um grupo e, em outros momentos, realizavam uma leitura solitária, silenciosa”.

Ao fazer uma abordagem sobre o “Desafio e repentismo do caipira de São Paulo”, J. M. Luyten (2006, p. 79), no subtítulo “Correspondentes nordestinos”, argumenta “que as modalidades poéticas populares do Nordeste são muito mais conhecidas nacional e internacionalmente do que as versões paulistas. [...] Devido à migração de nordestinos para outras regiões do Brasil, notadamente São Paulo”, haja vista esta cidade configurar-se um polo profícuo de produção e emissão da poesia e da cultura popular nordestina, cuja expansão, [...] sobretudo no século XX”, teve “[...] influência em todos os meios culturais do País”.

Nessa perspectiva, Luyten (2006, p. 79) atribui a essa “hegemonia nordestina”, “o surgimento, no fim do século passado, da poesia popular escrita, hoje chamada de literatura de cordel. Embora a base seja essencialmente o aspecto oral, há numerosas obras impressas”, seguidas de várias edições dos folhetos.

De acordo com Luyten (*Ibidem*, p. 80), “Não há literatura popular no mundo que possua números tão impressionantes de divulgação e penetração. [...] O fato de a poesia do Nordeste ser [...] impressa faz com que ela seja muito mais perene e influente”.

As análises dos pesquisadores supramencionados nos levam a refletir sobre a importância da leitura de cordel para a vida de muitos brasileiros que tiveram a oportunidade de ouvir e/ou ler um folheto de cordel, com o qual se deleitou. Daí perguntarmos: por que às vezes negligenciamos a poesia e a nossa cultura, no âmbito da práxis docente, ou no cotidiano? O que leva o povo a negar sua identidade, e desprestigiar sua arte? A partir dessas questões, discutimos sobre a importância e o significado da literatura de cordel, tendo em vista a inestimável contribuição que essa forma de expressão artística propicia à sociedade.

No sentido de esclarecer o assunto em pauta, ao fazer uma abordagem sobre “O romanceiro Tradicional Popular: origem e permanência no Nordeste do Brasil”, Maria de



Fátima Barbosa de Mesquita Batista (2002, p. 94) alega tratar-se de “narrativas poético-musicais, caracterizadas, sobretudo, pelo conteúdo épico-lírico, pela forma dialogada ou dramatizada, pela linguagem popular e pela riqueza de variações no conteúdo e na forma, advinda de sua natureza oral”.

Em sua obra *Contando histórias em versos: poesia e romanceiro popular no Brasil*, Bráulio Tavares apresenta uma relevante contribuição para os estudos sobre o romanceiro, especialmente na terceira parte dessa obra, quando o autor versa sobre “A poesia narrativa do romanceiro”, e afirma que “O Romanceiro Popular do Nordeste é uma literatura que foi transplantada para o mundo da literatura escrita” (TAVARES, 2009, p. 99). Este autor ressalta que o romanceiro sofreu transformação, de modo que “Alguns desses romances [...] foram transformados em folhetos de cordel. Outros continuaram preservados em sua forma oral, [...]. Outros perderam a forma versificada e viraram simples histórias, misturando-se [ao] universo das narrativas tradicionais e contos de fadas” (TAVARES, 2009, p. 99).

Convém destacar, conforme adverte Tavares (2009, p. 100), que o referido Romanceiro é de “origem ibérica, mas atraiu para si outras tradições, [...]”, assim como houve inovação em relação à sua forma. Esse autor comenta que “Os poemas do Romanceiro eram ouvidos, decorados e passados adiante. [...] Saber um romance de cor significava ouvi-lo muitas vezes na infância, cantado por criadas, por amas-secas, por tias e avós” (*Ib., Ibidem*, 2009, p. 101).

A difusão cultural realizada através da memória coletiva que se propagou pelo Brasil nos chama a atenção, pela intensidade com que essas narrativas contagiaram o espírito das pessoas e interferiram em sua formação, especialmente no Nordeste, onde percebemos a influência nelas exercida através do discurso de caráter conservador e moralizante, numa manifestação de apego aos modelos tradicionais ortodoxos. Exemplo disso são as histórias de Trancoso, que, em sua diversidade, eram contadas em terreiros das casas, ao luar, geralmente por uma pessoa autorizada a narrar, quer por sua experiência de vida, quer por sua capacidade criadora, cujo poder inventivo impressionava e instigava a imaginação dos ouvintes, os quais transmitiam as narrativas ouvidas por gerações sucessivas.

Desde os tempos remotos o ser humano tem se empenhado numa permanente busca pelo seu desenvolvimento por meio do conhecimento, viabilizado pela educação. Nessa busca



intensa, em todas as épocas, os povos se empenharam em adquirir uma formação cuja práxis estivesse voltada para a disseminação da cultura, através das sucessivas gerações.

Em seu texto: “Experiência artística e experiência filosófica: ensino, criação, comunicação”, Silvia Solas (2012, p. 93) problematiza a respeito do ensino-aprendizagem, indagando e buscando razões para pensar sobre o sentido e a pertinência de “que certos saberes possam aprender-se/ensinar-se e outros não”.

Em suas reflexões, a autora referida elenca traços inerentes às experiências artísticas e filosóficas para estabelecer uma correspondência entre elas, no que toca aos seus pontos em comum ou divergentes – “entre o sensível e o pensável”, a significação e a representação, a descrição ou a constituição do real e do irreal, a subjetividade” (SOLAS, 2012, p. 94).

Com base nessas considerações, que confirmam a pertinência dessas particularidades aos saberes artísticos e filosóficos, a autora referida indaga sobre a forma como “os processos de ensino, de criação e de comunicação” se relacionam. Assim, essa autora argumenta em favor de que “aquilo que ainda continuamos chamando de arte se converte em um campo de interrogação filosófica sobre o artístico”. Ou seja, assim como “há algo da experiência artística que envolve a filosofia [há], inversamente, algo da experiência filosófica que implica algum grau de artisticidade” (SOLAS, 2012, p. 95).

Com efeito, o texto de Solas aparece permeado de indagações em função da reflexão no âmbito desses campos do saber, descortinando dúvidas e certezas em torno de problemáticas que circundam “o ensinar/aprender em filosofia”, expressando sua concepção a respeito do assunto.

Merece destaque a abordagem de Solas (2012, p. 97) ao afirmar que, “Na reflexão estética, a questão do receptor foi objeto de numerosos estudos e considerações”. Aqui, essa autora apresenta uma lista de autores reputados, que transitam em ambas as áreas do conhecimento – filósofos, literatos, críticos, teóricos –, a exemplo de Walter Benjamin, Jean-Paul Sartre, Paul Valéry, Marcel Proust, Umberto Eco, Wolfgang Iser e Hans-Robert Jauss, Roland Barthes, Michel Foucault, entre outros, a quem a Solas reverencia.

Referências



AMORIM, Maria Luisa de Aguiar. Saber e formação humana em Paulo Freire. In: Olinda, Ercília Maria Braga de.; FIGUEIREDO, João Batista de A. (Orgs.). **Formação humana e dialogicidade em Paulo Freire**. Fortaleza, Editora UFC, 2006. p. 169-180.

BATISTA, Maria de Fátima Barbosa de Mesquita. O romanceiro tradicional popular: origem e permanência no Nordeste do Brasil. **Conceitos**, v. 1, p. 94-99, jul./dez. 2002.

BOSI, Alfredo. (Org.). **Cultura brasileira: temas e situações**. 4. ed. São Paulo: Ática, 2006. (Série Fundamentos, 18).

BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social**. 2. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

CANCLINI, Néstor García. **Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. Tradução por Heloísa Pezza Cintrão e Ana Regina Lessa; tradução da introdução por Gênese Andrade. 4. ed. São Paulo: EDUSP, 2015. (Ensaio Latino-americanos).

CASCUDO, Luís da Câmara. **Literatura oral no Brasil**. 2. ed. São Paulo: Global, 2006.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Civilização e cultura: pesquisas e notas de etnografia geral**. Rio de Janeiro: José Olímpio; Brasília: INL, 1973. v. 2.

CEARÁ. SECRETARIA DE CULTURA E ESPORTE. **Antologia da literatura de cordel**. Fortaleza, 1980. v. I e II.

DIEGUÉS JÚNIOR, Manuel et al. **Literatura popular em verso: estudos**. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui de Rui Barbosa, 1986.

DIONIZIO NETO, Manoel. Educação, produção e socialização de conhecimentos. In: DIONIZIO NETO, Manoel. **Filosofia da educação**, 2010. p. 84-99.

FERREIRA, Jerusa Pires. **Armadilhas da memória e outros ensaios**. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2003.

FORTUNATO, Maria Lucinete.; Moreira Neto, Mariana. Conexões interdisciplinares: produção e socialização de conhecimentos e saberes. In: FERNANDES, Dorgival Gonçalves.; OLIVEIRA, Francisca Bezerra de. (Org.) **A arte de tecer no diverso: práticas e saberes interdisciplinares no ensino e na pesquisa**. Campina Grande: EDUFCG, 2010. p. 79-98.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 10. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981. (O Mundo hoje, v. 21).

GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. Processos de inserção de analfabetos e semi-analfabetizados no mundo da cultura escrita (1930-1950). **Revista brasileira de educação**, Campinas, SP, n. 16, p. 81-94, jan/fev/mar/abr. 2001.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução por Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2003.



HALL, Stuart. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. Disponível em:

<<http://www.seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/71361/40514>>. Acesso em: 20 set. 2018.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução por Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 9. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

LIMA, Nei Clara de. **Narrativas orais**: uma poética da vida social. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2003.

LOPES, José Ribamar (Org.). **Literatura de cordel**: antologia. 3. ed. Fortaleza: Banco do Nordeste do Brasil, 1994. (Coleção Monografia, 14).

LUYTEN, Joseph M. Desafio e repentismo do caipira de São Paulo. In: BOSI, Alfredo. (Org.). **Cultura brasileira**: temas e situações. 4. ed. São Paulo: Ática, 2006. (Série Fundamentos, 18). p. 75-102.

LITERATURA POPULAR: TRADIÇÃO ORAL, MEMÓRIAS E SABERES DO SERTÃO NORDESTINO

Profa. Dra. Maria de Lourdes Dionizio Santos — UAL/CFP/UFCG

Maria.dionizio@professor.ufcg.edu.br

Analiane do Nascimento de Oliveira — UAL/CFP/UFCG

analianenascimento810@gmail.com

Mariana de Brito Lima — UAL/CFP/UFCG

marianadeebritelima@gmail.com

RESUMO: Trata-se de uma experiência realizada no decurso da execução do Projeto de Extensão/Fluex/UFCG/2023: “Literatura Popular: leituras e inferências sobre saberes, vivências e memória coletiva no sertão nordestino”, pautado numa perspectiva interdisciplinar entre Literatura e outros campos dos saberes, com o intuito de aprimorar as discussões acerca desta área de conhecimento. Partindo desse pressuposto, alvo (Docentes que atuam na Educação Básica e Discentes em formação inicial dos Cursos de Licenciatura em Letras do CFP/UFCG), buscamos promover um diálogo entre a Literatura Oral e áreas afins, e os saberes que fundam a memória e a cultura regional. Para tanto, este estudo tomou por base a leitura e discussão de diversas obras críticas e da Literatura Popular, focalizando como *corpus* *A Triste Partida*, de Patativa do Assaré.

Palavras-chave: Literatura Oral/Popular; Memória coletiva; Sertão nordestino.